

A RECONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: A LEITURA DE TEXTO A PARTIR DO CONTATO COM OUTRO

Daniele Gaio Hoffmann¹
Anna Carolyna Melo Ferrer Costa²

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo o estabelecimento de relações intertextuais e polifônicas entre três gêneros textuais distintos do discurso. Para tal, estabelece ancoragem com as perspectivas de Mikhail Bakhtin e Ingedore Koch para clarificar o conceito de intertextualidade, aborda a linguagem conforme a concepção de discurso como fator interacional sob a ótica bakhtiniana e analisa a possível conexão entre o conceito de modernidade na obra de Marshall Berman em paralelo a abordagens acerca da contemporaneidade contida na realidade do mundo atual, bem como seus desdobramentos enquanto discurso. O estudo pretende descrever, através de apontamentos direcionados, que a intertextualidade constitui-se como elemento coletivo e sua acepção textual torna-se eficaz quando há a identificação – implícita ou explícita – de um discurso uma vez inserido em outro, definido através da conexão estabelecida – ainda que indiretamente – entre os indivíduos enquanto produtores de sentido em caráter social.

Palavras-chave: Intertextualidade. Polifonia. Dialogia. Modernidade.

¹ Graduanda em Letras pela FAE Centro Universitário. *E-mail*: danielegh@gmail.com

² Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Professora da FAE Centro Universitário no curso de Letras. *E-mail*: anna.costa@bomjesus.br

INTRODUÇÃO

Antes de adentrarmos no conceito de intertextualidade, citamos um pequeno excerto de “A estética da criação verbal” de Mikhail Bakhtin que deixa bastante evidente a importância da linguagem:

O homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que potencial). Onde o homem é estudado fora do texto e independentemente deste, já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia, de fisiologia humana, etc.). (BAKHTIN, 2011, p. 312).

Dessa forma, a concretude da língua se dá enquanto discurso, e nesse se destaca o conceito de dialogismo, que implica por sua vez a noção de que tudo aquilo que dizemos é inexoravelmente perpassado e elaborado pelo dizer do discurso do outro. José Luis Fiorin (1993, p. 80) explica que discurso é “toda combinatória de elementos linguísticos provida de sentido”. Na acepção de Bakhtin (1992), o sujeito do discurso é construído na dialogia com o outro, ou seja, nas interações. Edward Lopes (1994) destaca, de acordo com Bakhtin, que o que outrora era entendido como discurso no discurso e enunciação na enunciação é entendida hoje como intertextualidade.

Depois dessas breves noções preliminares, importa salientar que este estudo tem por objetivo analisar as relações de intertextualidade e polifonia entre três gêneros do discurso, a saber: o livro de Marshall Berman, “*Tudo que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade*”, no qual o autor traça um breve panorama da modernidade ontem, hoje e amanhã; uma sequência de tirinhas da personagem *Mafalda*, a qual foi criada em 1963 pelo argentino Joaquin Salvador Lavado, conhecido como Quino; e uma ilustração recriada a partir de uma fotografia tirada no dia 3 de setembro de 2015 do menino sírio Aylan Kurdi, morto através de afogamento durante a travessia de barco que realizava com sua família entre a Turquia e a Grécia na tentativa de fugir do caos instalado em seu país de origem.

As análises intertextuais serão realizadas a partir do olhar crítico sobre os gêneros textuais em questão, buscando descrever, principalmente, a polifonia e/ou intertextualidade suscitadas.

1 INTERTEXTUALIDADE E POLIFONIA

Bakhtin nos elucida quanto à realidade da língua:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato

fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2004, p. 123).

Segundo Ingedore Koch (2004), aquilo que dizemos ou escrevemos está inevitavelmente atrelado à presença do outro, ou seja, para a autora, existe intertextualidade constituindo todo e qualquer discurso, sendo que um texto está inserido em outro texto quando faz parte da memória social ou discursiva de uma coletividade. É o que Koch denomina intertextualidade *stricto sensu* e que pode ser implícita quando, sem menção ao texto, o intertexto se insere em formulações concessivas, parodísticas, etc., ou explícita, quando há menção à fonte do intertexto (KOCH, 2004, p. 146).

Conforme Bakhtin (1992), “cada enunciado é um elo de cadeia muito complexa de outros enunciados”. Nesse percurso, Helena Hathsue Nagamine Brandão (2012, p. 94-95) cita que a noção de intertextualidade abrange as relações intertextuais que formações discursivas mantêm com outras formações discursivas; dessa forma, quando um discurso se define na relação com outro discurso, pode tanto divergir quanto enunciar proximamente ou ainda, ser fonte de inspiração na qual um discurso pode ser citável ou não.

De acordo com a autora supracitada, não há campo discursivo insular, ou seja, o universo discursivo não se fecha em si, mas há sempre “intensa circulação de uma região do saber para outra” (BRANDÃO, 2012, p. 95). E que nesse não fechar-se em si há trocas instáveis e diversas de acordo com as circunstâncias e discursos, tratando-se, portanto, de uma memória que vem inscrita supostamente na história, na qual todo enunciado é um já-dito que se constitui no outro. Isso implica dizer que nenhum discurso se constitui de forma inocente, mas se constrói por meio de um já-dito em que se posiciona.

É oportuno lembrar que Koch (2004, p. 77) explica de maneira bastante simples que é possível perceber facilmente a intertextualidade quando o autor de um texto recorre a outros textos explicitando a fonte, mas que nem sempre se constituiu de forma desvelada. Muitas vezes, segundo a autora, o autor de um texto pressupõe o conhecimento do leitor, não portando, portanto, intertextualidade explícita, mas requerendo inferências e repertório de leitura do leitor – processo imprescindível para compreensão e produção de sentido.

Beaugrande e Dressler (1981) também descrevem que há fatores que se relacionam no que diz respeito à intertextualidade e que fazem com que a produção e a recepção de um texto dependam do conhecimento de outros textos. Portanto, novamente remete-se à questão dialógica da linguagem postulada por Bakhtin.

Sobre essa questão acerca da palavra do outro, Cristovão Tezza (1988, p. 55) diz que “nossas palavras não são nossas apenas; elas nascem, vivem e morrem na fronteira do nosso mundo e do mundo alheio; elas são respostas explícitas ou implícitas às palavras do outro, elas só se iluminam no poderoso pano de fundo das mil vozes que nos rodeiam”; ou seja, também retoma Bakhtin e esclarece que todo discurso, além de dialógico é heterogêneo e se constitui na interação do eu e do outro no perpassar dos inúmeros discursos.

Koch (2004, p. 154) considera a noção de polifonia mais abrangente que a noção de intertextualidade. Isso porque, segundo a autora, é mais ampla em suas manifestações, uma vez que não requer a presença do intertexto explicitamente mencionado ou não. Polifonia exige somente perspectivas, pontos de vista representados por enunciadores diferentes, sem a necessidade de textos existentes efetivamente correlatos. A autora pondera que tanto polifonia quanto intertextualidade são incontestas da “inevitável presença do outro nos jogos de linguagem”.

Sendo assim, temos que o termo polifonia refere-se à “qualidade de todo discurso estar tecido pelo discurso do outro, de toda fala estar atravessada pela fala do outro” (BRANDÃO, 2012, p. 109).

2 UMA BUSCA POR SOLIDEZ

Marshall Berman (1996) dá uma amostra do que é a modernidade em seu livro intitulado “Tudo que é sólido desmancha no ar”. Na obra, a modernidade pode vir a ser definida como uma unidade paradoxal na qual se encontra a descoberta, a transformação e, ao mesmo tempo, a ameaça de destruição de todos os valores que trazemos. Ao mesmo passo que une a espécie humana também a angustia, desune, desintegra. Nas palavras do próprio autor: “ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo que é sólido desmancha no ar’” (BERMAN, 1996, p.15).

Todavia, mesmo sendo causadora de tantas desilusões, a modernidade desenvolveu no decurso de cinco séculos, uma rica história e uma variedade de tradições próprias, que o autor explora e mapeia para definir o que é modernidade.

Interessa observar que Berman divide a história da modernidade em três fases: a primeira, do início do século XVI até o fim do século XVIII, na qual as pessoas começam a experimentar a vida moderna; a segunda fase começa com a grande onda revolucionária de 1790, na qual as pessoas começam a partilhar um sentimento de viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser completamente moderno e

dessa sensação dicotômica surge a ideia de modernismo e modernização; e a terceira fase se pauta no século XX, no qual o processo de modernização se expande quase ao mundo como um todo e a cultura mundial do modernismo em desenvolvimento atinge espetaculares triunfos na arte e no pensamento. E é nessa fase que a era moderna trouxe como consequência a perda das raízes de sua própria modernidade.

O autor norteia Rousseau como matriz de algumas das mais vitais tradições modernas, do devaneio nostálgico à autoespeculação psicanalítica e à democracia participativa, além de situá-lo diante à modernização, ao desenvolvimento social assim como as suas consequências. Toda a atmosfera de autodesordem, da intenção cerceada pelo limite, dá então origem à sensibilidade moderna, na qual os ritmos e timbres da modernidade do século XIX, juntamente com a paisagem desenvolvida para a época, trouxeram de tudo para as pessoas, exceto solidez e estabilidade.

Berman destaca que do modernismo do século XIX, duas vozes distintas surgiram: Nietzsche e Marx, e os analisa brevemente. Desse modo descreve que Marx vê como fato básico da vida moderna a gritante contradição de suas bases, na qual todo progresso material acaba, ao nível da força material, estupidificando a vida humana. Já Nietzsche observa que a humanidade é uma espécie de caos, mas ambos descrevem uma nova espécie de homem, em oposição ao seu hoje, a partir do qual novos valores serão formados. Em “Tudo que é sólido desmancha no ar”, o autor analisa que o discurso de Marx e de Nietzsche é marcado pela autossatisfação e a autoincerteza sendo, portanto, voz que conhece dor e terror, mas acredita na sua capacidade de ser bem sucedido. Irônica e contraditória, polifônica e dialética, são marcas da vida moderna em nome dos valores que a própria modernidade mudou com o intuito das próximas modernidades curarem as feridas da modernidade anterior.

Segundo descrito por Berman, o século XX produziu uma assombrosa quantidade de obras e ideias da mais alta qualidade, sendo talvez o período mais brilhante da história da humanidade, no entanto, o ser humano perdeu ou rompeu a conexão entre sua cultura e sua vida, ou seja, mesmo tendo o pensamento moderno crescido e se desenvolvido desde Marx e Nietzsche, parece ter estagnado e regredido, uma vez que afirmações de escritores e pensadores do século XX comparadas com os de um século atrás possuem o radical achatamento de perspectiva e uma diminuição do espectro imaginativo.

Tendo em vista essas considerações, o autor destaca o entusiasmo dos futuristas, defensores apaixonados da modernidade, bem como o desejo de fundir suas energias com a tecnologia moderna e criar um novo mundo, porém, percebem posteriormente que o amor e a sensibilidade seriam abolidos, já que pensavam em uma espécie incapaz de experimentar tais sentimentos – o que culmina enxergarem na guerra, uma solução

para “limpar” o mundo. Em um polo oposto, Berman analisa Max Weber, que rejeita a vida moderna e diz que a moderna ordem econômica é como um “cárcere de ferro” no qual determina o destino do homem. Nesse percurso, os grandes críticos do século XIX são citados como aqueles que compreenderam como a tecnologia moderna e a organização social condicionaram o destino do homem; tais críticos veem a sociedade moderna como um cárcere onde as pessoas foram moldadas pelas suas barras. Modernidade sendo vista, portanto, no século XX como constituída por suas máquinas, em que homens e mulheres modernos não passam de reproduções mecânicas.

Quanto ao modernismo dos anos 60, o autor acrescenta que se torna a procura de uma arte-objeto pura e autorreferida, parecendo ser uma grande tentativa de libertar os artistas das impurezas e vulgaridades da vida moderna, mas que logo se desmancha ao perceberem que uma arte desprovida de sentimentos e de relações sociais está condenada a parecer árida e sem vida. À medida que a mentalidade dos anos 60 evoluiu, a busca da destruição dos nossos valores aumentou para todas as forças em revolta. Berman comenta sobre a visão afirmativa do modernismo, desenvolvida por um grupo heterogêneo de escritores, tendo como temas dominantes o despertar para a vida e o eliminar fronteiras, o que significou a eliminação da fronteira entre a arte e as demais atividades humanas, o que ele relata como modernismo popular que nunca se desenvolveu em perspectiva crítica.

Berman (1996, p. 37) relata que o único escritor que tinha realmente algo a dizer sobre a modernidade foi Michel Foucault, o qual faz uma torturante série de variações em torno dos temas weberianos do cárcere de ferro e das inutilidades humanas. Diz que, para Foucault, não há liberdade e sua linguagem compõe-se de um cárcere mais constrangedor do que tudo que Weber sonhou. Berman toma como resposta o fato de que Foucault ofereceu para a geração dos anos 60 um alibi para o sentimento de passividade e desesperança que contagiou tantos na época.

Berman cita em sua obra Octavio Paz, que lamenta que a modernidade “tenha sido cortada do passado e tenha de ir continuamente saltando para frente, num ritmo vertiginoso que não lhe permite deixar raízes, que a obriga meramente a sobreviver de um dia para o outro: a modernidade se tornou incapaz de retornar a suas origens para então, recuperar seus poderes de renovação”. Berman tece que o argumento básico do seu livro é “de fato, que os modernismos do passado podem devolver-nos o sentido de nossas próprias raízes modernas, raízes que remetem a duzentos anos atrás” (BERMAN, 1996, p.34).

Registre-se ainda que Berman (1996, p. 35) cita que Marx, Nietzsche e seus contemporâneos sentiram a modernidade como um todo em um momento em que poucos e uma pequena parte do mundo era verdadeiramente moderna. E que séculos depois todo o processo de modernização alcançou um patamar do qual “nem no mais remoto canto do mundo” alguém pode escapar.

Salienta-se ainda, o fato de podermos aprender com nossos primeiros modernistas sobre o nosso próprio tempo, além de compreendermos que “há mais profundidade em nossas vidas do que supomos” (BERMAN, 1996, p. 37) e que voltar atrás, talvez, permita não apenas nos renovar, como seguir adiante e ter coragem para criar modernistas do século XXI, pois nos apropriando das modernidades de outrora podemos tecer críticas às modernidades do hoje em um ato de fé também nos homens e mulheres do amanhã.

Em virtude dessas considerações, nesse ponto destacamos os dois outros gêneros intertextuais ao primeiro que compõem o corpus de análise do presente estudo, a saber: uma sequência de tirinhas da personagem Mafalda, de Quino, e uma ilustração realizada para homenagear Aylan Kurdi, menino Sírio que foi morto no dia 2 de setembro de 2015 depois que o barco em que a criança e sua família estavam, com destino à Grécia numa fuga de seu país em guerra, virou. O jornalista da rede BBC Brasil, Joel Gunther (2015), diz que Aylan Kurdi tinha apenas três anos e foi encontrado morto, com o rosto virado para baixo em uma praia da Turquia e fotografado por Nilufer Demir no dia 3 de setembro de 2015.

Para trabalhar a intertextualidade selecionamos uma ilustração criada em tributo à foto amplamente visualizada em meios de comunicação, principalmente na *internet*.

3 MUNDO DOENTE – DORME NENÊ!

A personagem Mafalda foi criada por Quino na década de 60 e é uma criança questionadora e obstinada. Mesmo sendo apenas uma criança, é defensora da democracia, assim como seus contemporâneos da década de 60. Vale ressaltar que suas tirinhas apresentam teor crítico – e ideológico –, preocupado não somente com os problemas do seu mundo, como com os conflitos no Oriente Médio e Vietnã, mas também com desigualdades sociais impostas pelo capitalismo. A pretensão da personagem é “salvar” o futuro da humanidade.

Na sequência de tirinhas selecionadas, apesar da característica do humor desse gênero textual, pode-se perceber o elevado grau de persuasão quando, na leitura realizada, a direção conclusiva a que o leitor chega é quase automática. Mesmo sem explicitar verbalmente quem é o doente e porque é preciso silenciar e cuidar, torna-se explícita, ainda que não verbalmente, a crítica que a personagem faz sobre termos feito do mundo, um ser doente.

Apesar de a personagem datar da década de 1960, sua crítica nessa tirinha é atemporal e temos, além disso, e mais importante: o intertexto, ou melhor, a polifonia com as análises de Berman em seu livro, uma vez que mesmo enunciados distantes um do outro no espaço e no tempo, podem ser confrontados em uma configuração de sentidos. A relação dialógica se dá por convergirem os sentidos: o ethos de uma sociedade em busca de solidez e cura e, como analisa Berman, “uma cultura que contém vastas reservas de força e saúde, basta que a reconheçamos como nossa”. Mafalda

parece reconhecer essas reservas e no ato de cuidar do doente nos reitera o aforismo do autor de “Tudo que é sólido desmancha no ar”.



Quino. *Toda Mafalda*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

Na segunda tirinha, Mafalda reforça que o mundo vai mal ao ouvir o noticiário e constatar que o globo terrestre, o mundo, precisa de cuidados. Para tanto, com pesar visualizado em sua expressão facial, Mafalda volta aos cuidados com o mundo em tom maternal, ou seja, com profusão simbólica, na qual o mundo precisa ser cuidado tal como um bebê, deixando quase evidente que se o mundo está doente é preciso que seja tratado, medicado para que se possa viver melhor.

O reflexo dessas considerações aponta as possíveis intertextualidade e mesmo polifonia entre as tirinhas e o livro de Berman que, por sua vez, suscita que todo o desenvolvimento tecnológico advindo com a modernidade trouxe consequências, sejam elas muito boas ou muito ruins e Mafalda, tristemente (visualizado nas imagens não verbais e expressões dessa) constata que talvez seja preciso retroceder ou ainda, simplesmente mudar a conduta, cuidar e assistir aquele que doente se encontra – mundo –, em um processo de tomada de consciência.



Quino. *Toda Mafalda*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

A terceira tirinha aqui analisada mostra que o adulto é representado como aquele que em um primeiro instante acha graça, acha risível Mafalda expressar seu descontentamento com o caminhar “do mundo”, simbolizando aqui o que o ser humano faz com o mundo em que vive, e não percebe a crítica e a profundidade da sua suposta “brincadeira” com o globo terrestre.

Porém, a sequência da tirinha evidencia que o homem só enxerga a realidade se for explícita, escancarada. O adulto, ao cruzar com um menino descalço, maltrapilho, triste, um “menino de rua”, para automaticamente de rir e acaba por compartilhar com seus colegas de trabalho que o mundo está realmente doente. E esses, em postura de indagação e incredulidade apenas reafirmam a postura inicial do homem adulto: se não estiver frente a frente com as “doenças” (todos os problemas que o mundo possa ter e tem) não enxergam, não refletem, tampouco cuidam.

E é justamente nesse percurso que o gênero textual ilustração foi aqui escolhido como retrato da polifonia dos textos que se subjazem; isso porque o conceito de intertextualidade permite a percepção de um mosaico de outros textos, o jogo polifônico e dialógico entre variados textos.



4 PREENCHENDO AS LACUNAS

Imagens são construídas naquilo que é visível posto em foco, além disso, muitas vezes o que se almeja denotar é alcançado pela força que uma imagem pode veicular. O texto imagético não é gratuito, sendo muitas vezes até mesmo paradigmático. Diante de uma imagem, a tarefa do leitor é endereçar seu olhar não apenas àquilo explícito, mas também ao que foge, ou seja, ao implícito ou não intencionado, isso porque pode existir toda uma profusão de sentidos veiculados em uma imagem, o que por sua vez pode ser mais revelador do que aquilo que os olhos dominam em primeira instância e sem o movimento de reflexão.

A fotografia do menino Aylan Kurdi tornou-se símbolo da crise migratória na Europa e retrata todo o drama dos refugiados do Oriente Médio. Com apenas três anos de idade, Aylan teve seu corpo fotografado em uma praia da Turquia e comoveu o mundo, uma vez que mesmo tendo sobrevivido à guerra hedionda em seu país, não venceu as barreiras geográficas que separam o Oriente Médio da Europa.



FONTE: Página do El País Brasil³

Tem-se nessa ilustração uma relação de sentido com as tirinhas da Mafalda e com o livro de Marshall Berman. Por mínima que a alguns possa parecer ou ainda em uma primeira leitura, importa enfatizar que somente um mundo doente – tirinha da Mafalda – produz tanto horror e barreiras – exemplo das fronteiras entre os países – à vida de inocentes. No prefácio do seu livro, enfatiza que a morte de uma criança traz os temas abordados (as consequências da modernidade, por exemplo, e a desumanização) para muito perto, pois “manter essa vida exige talvez esforços desesperados e heroicos, e às vezes perdemos” (BERMAN, 1996, p.14), referindo-se à vida de crianças e seres inocentes, incapazes, ou que não tenham sucumbido ao devastador mundo da alienação.

As leituras propostas pelos três gêneros aqui explicitados levam a um texto comum: a busca por novas formas de realidade – novas formas de liberdade, justiça, arte, beleza e humanidade solidária. Uma busca que começa em um passado, já que, tal como afirma Berman: não se pode romper com o passado, mas buscar reunir o presente e o futuro, capacitando-nos a sobreviver mesmo nos tempos mais doentios e terríveis.

³ Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/03/internacional/1441316653_944472.html>. Acesso: 10 set. 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como remate é importante frisar que o texto, seja verbal ou não verbal, não é um objeto acabado por aquele que o enuncia, mas reconstruído a todo instante a partir do contato com diferentes outros textos. Diante de um texto discursivo sempre haverá respostas e inúmeras leituras. Conforme observa Koch (2004), o texto é um objeto heterogêneo com o qual haverá sempre retomada, diálogos, alusões, oposições, ou seja, intertextualidades.

Produções de sentido são construídas na interação texto e leitor. Em última análise, espera-se que o leitor se coloque tal como um Sherlock Holmes e, analítica e profundamente, leia as imagens e os intertextos não somente no explícito, mas no que implícito está – isso porque cada detalhe pode suscitar e entrelaçar a nossa condição humana e social. Compreender é uma forma de inserir-se no mundo e também um modo de ação sobre o mundo na relação interpessoal.

Conclui-se, assim, que a intertextualidade é construída em torno de um fato social: a linguagem, que por sua vez se constrói e reconstrói pelo fazer e pensar humano em suas inúmeras relações com o outro.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: M. Fontes, 1992.

BEAUGRANDE, R.-A. de; DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics**. London; New York: Longman, 1981.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral**. Campinas: Pontes, 1989.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: A aventura da modernidade. 13. reimp. São Paulo: Cia das letras, 1996.

GUNTHER, J. “Nunca imaginei que uma foto pudesse ter esse impacto”, diz fotógrafa que clicou menino sírio. **BBC NEWS**, set. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150901_foto_alan_kurdi_lk>. Acesso em: 10 set. 2015.

KOCH, I. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: M. Fontes, 2004.

LOPES, E. Discurso literário e dialogismo em Bakhtin. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin**. São Paulo: EDUSP, 1994. p. 63-81.

QUINO, J. L. **Toda Mafalda: da primeira à última tira**. São Paulo: M. Fontes, 1991.

TEZZA, C. Discurso poético e discurso romanesco na teoria de Bakhtin. In: FARACO, C. A. et al. **Uma introdução a Bakhtin**. Curitiba: Hatier, 1988. p. 51-71.